
ἀρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

A fisiologia do prazer na medicina hipocrática: modelos e reverberações

The physiology of pleasure in Hippocratic medicine: models and
reverberations

João Gabriel Conque

<https://orcid.org/0000-0003-4768-4983>

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

joagabrielconque@hotmail.com

Resumo: Os principais objetivos deste artigo são demonstrar a presença de duas concepções fisiológicas acerca do prazer no *Corpus Hippocraticum*, apontar as diferenças entre elas e conjecturar a respeito da repercussão de uma delas no diálogo *Górgias* de Platão. Veremos que podemos encontrar em textos da tradição hipocrática uma descrição da produção de prazer durante a relação sexual e uma

outra relacionada à ocorrência de prazer durante a ingestão de alimentos, sendo que a segunda, diferentemente da primeira, é fortemente marcada pela noção do prazer como repleção. A identificação de uma concepção de ordem fisiológica acerca do prazer caracterizada por um processo de repleção no *Corpus Hippocraticum* é relevante pois uma concepção muito semelhante parece ser tomada como ponto de partida por Platão em suas reflexões acerca do prazer.

Palavras-chave: prazer, medicina, *Corpus Hippocraticum*.

Abstract: The main aims of this article are to demonstrate the presence of two physiological conceptions of pleasure in the Hippocratic *Corpus*, pointing out the differences between them and conjecturing about the reverberation of one of them in Plato's dialogue *Gorgias*. We can find in texts of Greek medicine a description of pleasure produced during sexual intercourse and another related to the occurrence of pleasure during nourishment. However, the second account, unlike the first one, is strongly marked by the notion of pleasure as replenishment. Identifying a physiological conception of pleasure featured by a process of filling in the Hippocratic *Corpus* is relevant because a very similar conception seems to be taken as starting point by Plato in his reflections on pleasure.

Keywords: pleasure, medicine, *Corpus Hippocraticum*.

1. Por uma fisiologia hipocrática do prazer

Descrições de ordem fisiológica acerca do prazer podem ser encontradas em dois tratados que compõem o *Corpus Hippocraticum*, a saber, *Sobre a geração (peri gonês)* e *Sobre as doenças IV (peri nousôn d)*. Esses dois textos mais o tratado intitulado de *Sobre a natureza da criança (peri physios paidiou)*

formariam, segundo Littré,¹ uma única obra, embora tal unificação ainda seja fruto de debate.²

No que concerne à datação – um dos tópicos controversos e ainda irresolutos para os estudiosos da tradição hipocrática³ –, Joly (1970, p. 23) sugere que esses três tratados podem ter sido produzidos no fim do século V, ao passo que Lonie (1981, p. 71) conjectura uma influência democritiana sobre o autor dos mesmos e vislumbra uma data por volta de 420 a.C. Já Craik (2015, p. 118 e 190) supõe que *Sobre a geração* e *Sobre a natureza da criança* possam ser consideradas obras do período entre 430-420 a.C., enquanto *Sobre as doenças IV* da primeira metade do quarto século.

Especula-se que Pólibo, provavelmente genro de Hipócrates, seja o autor dos tratados citados acima⁴. Esse provável membro da escola hipocrática, mencionado por Aristóteles em *História dos animais* (*Arist. HA. III, 3, 512b-513a*), também pode ter sido o autor do tratado *Sobre a natureza do homem* (*peri physios anthrôpou*).⁵ Contudo, a autoria dos textos atribuídos ao *Corpus Hippocraticum* – assim como a datação – é um tema bastante discutido e que gera ainda muita polêmica.⁶ Em virtude de tais incertezas, trataremos o autor dos tratados analisados nesse artigo apenas como um discípulo de Hipócrates.

¹ Cf. Littré (1851, VII, p. 462).

² Consideraremos os capítulos desses três tratados dispostos de forma contínua, porém reconhecendo que a unificação desses textos é passível de questionamento. Para mais detalhes acerca desse debate, ver Lonie (1981, p. 43-51) e Joly (1970, p. 9-12).

³ “None of these [Hippocratic] writings mentions the name of its author, and none provides secure internal evidence as to date and geographical or intellectual provenance.” (Eijk, 2008, p. 389).

⁴ Cf. Wolfsdorf (2013, p. 35-37).

⁵ Cf. Cairus & Ribeiro Jr. (2005, p. 39). Para mais detalhes sobre esse provável discípulo de Hipócrates, ver Boundon-Millot (2012, V5a, p. 1236-1239).

⁶ Sobre os problemas que giram em torno da “questão hipocrática”, ver Jouanna (1999, p. 56-71) e Craik (2015, xx-xxiv).

A seguir, destacaremos os discursos fisiológicos⁷ acerca do prazer expostos em *Sobre a geração* e em *Sobre as doenças IV*. Se por um lado, o primeiro contempla, ainda que de modo conciso, o prazer produzido em uma relação sexual, por outro, o segundo aborda o prazer advindo da satisfação da fome e da sede.

1.2. O prazer sexual em *Sobre a geração*: deleite e calor

Entre os capítulos 6 e 11 de *Sobre a geração*, as razões pelas quais as características físicas dos filhos são determinadas pelas características de ambos os seus progenitores são apresentadas. Para fundamentar as suas concepções a respeito desse tema, o autor precisou defender em capítulos anteriores a tese de que tanto o homem quanto a mulher emitem sêmen durante o ato sexual. E, no decorrer da explicação do processo de produção de sêmen no corpo do homem e também no da mulher, uma descrição fisiológica acerca do prazer sexual assume um certo papel de destaque.

Logo no primeiro capítulo de *Sobre a geração*, o discípulo de Hipócrates afirma que o sêmen produzido no corpo do homem seria uma espécie de espuma (*aphros*) que, por sua vez, é gerada a partir do aquecimento de um dos fluidos que compõem o organismo. Ainda de acordo com o autor, o aquecimento corporal e a transformação de um dos fluidos corporais em uma espécie de espuma ocorrem devido ao calor difundido por todo o corpo durante o ato sexual. A difusão do calor no corpo do homem durante o ato sexual é acompanhada de prazer, como podemos observar em uma passagem na qual são apresentados mais detalhes acerca da produção de sêmen no corpo do homem:

[...] veias e nervos se estendem de todo o corpo até as partes genitais; ao friccioná-las, aquecê-las e preenche-las, produz-se uma espécie de excitação que provoca prazer e calor em todo o corpo. Com a fricção

⁷ De maneira geral, estamos compreendendo fisiologia como um estudo do modo de funcionamento ou da produção de algo no corpo dos seres vivos. Assim, quando nos referimos à fisiologia do prazer, fazemos referência a um tipo de discurso explicativo acerca do processo de produção do prazer.

das partes genitais e o movimento do homem, o *fluido* se esquentava no corpo, torna-se *difuso*, agita-se por causa do movimento e forma uma espuma...⁸

φλέβες καὶ νεῦρα ἀπὸ παντὸς τοῦ σώματος τείνουσιν ἐς τὸ αἰδοῖον, οἷσιν ὑποτριβομένοισι καὶ θερμαινομένοισι καὶ πληρουμένοισιν ὥσπερ κνησμὸς ἐμπίπτει καὶ τῷ σώματι παντὶ ἡδονὴ καὶ θέρμη ἐκ τούτου παραγίνεται· τριβομένου δὲ τοῦ αἰδοίου καὶ τοῦ ἀνθρώπου κινευμένου, τὸ ὑγρὸν θερμαίνεται ἐν τῷ σώματι καὶ διαχεῖται καὶ κλονεῖται ὑπὸ τῆς κινήσιος καὶ ἀφρεῖ. (Hp. *Genit.* 1, Joly 44. 6-12)⁹

Baseando-se no comentário de Lonie (1981, p. 106) acerca dessa passagem, pode-se afirmar que o prazer (*hêdonê*) e o calor (*thermê*) estão sendo tratados nesse tratado como subprodutos de um processo de excitação sexual que envolve a fricção das partes genitais e o preencher (*plêroô*) das cavidades venosas no entorno dos órgãos sexuais. Assim, o prazer não coincidiria com o processo de preenchimento, mas faria parte de um encadeamento que conta com um processo de excitação sexual e um aumento do calor corporal que resulta na produção de sêmen.

Essa descrição fisiológica da produção de sêmen pelo homem é utilizada pelo autor mais à frente para demonstrar que a mulher também emite sêmen durante a relação sexual. Segundo o discípulo de Hipócrates, durante a relação sexual uma espécie de excitação (*knêsmos*) também é produzida no corpo da mulher em decorrência da fricção dos órgãos genitais. Essa fricção, somada ao movimento do útero durante o ato sexual, também proporcionaria prazer e calor à mulher¹⁰ (Hp. *Genit.*, 4, Joly 46-47).

⁸ Utilizarei uma tradução nossa a partir da tradução para o espanhol de M^a E. Rodriguez Blanco (2003), com ligeiras modificações grafadas em itálico.

⁹ As referências aos tratados hipocráticos serão indicadas através do capítulo de cada obra seguida pela página (e pela numeração das linhas, nos casos de citação direta) referente à edição de Robert Joly (1970).

¹⁰ O prazer que a mulher tem durante o ato sexual apresenta diferenças em relação ao prazer sentidos pelo homem, pois o primeiro, em alguma medida, é dependente do segundo (*Genit.*, 4, Joly 46-47). Para mais detalhes sobre as concepções médicas

Uma das funções que as descrições fisiológicas acerca do que ocorre no corpo do homem e da mulher durante uma relação sexual possuem no tratado *Sobre a geração* é a de servir de base para a defesa da teoria da pangênese, teoria segundo a qual o sêmen procede de todas as partes do corpo. Na medida em que é demonstrado que o calor difundido por todo o corpo durante o ato sexual, além de produzir prazer, transforma um dos fluidos corporais em uma espuma e, por conseguinte, permite a emissão de sêmen, a hipótese de que o esperma tanto do homem quanto da mulher é formado pelos fluidos presentes em todas as partes do corpo emerge como plausível.

Como salienta Wolfsdorf (2013, p. 39), temas importantes como a natureza do apetite sexual e uma explicação mais acurada a respeito da relação entre calor e prazer¹¹ são deixados em aberto nesse tratado. A contribuição do prazer sexual para a saúde também é outro assunto que não é levado em consideração em *Sobre a geração*.¹² Em contrapartida, a descrição da fisiologia do prazer proveniente da ingestão de alimentos e bebidas presente no tratado *Sobre as doenças IV* possui mais informações sobre o processo de produção de tal prazer.

1.3. A importância da nutrição em *Sobre as doenças IV*

No primeiro capítulo de *Sobre as doenças IV*, o autor promete discorrer, dentre outros temas, sobre cada um dos fluidos corporais que podem estar em excesso (*pleiô*) ou em escassez (*elassô*) no corpo humano e porque adoecemos (Hp. *Morb IV*. 32.2, Joly 84). O viés escolhido para cumprir essa promessa é nutricional. Tal escolha advém provavelmente do reconhecimento do autor que as enfermidades, com exceção daquelas originadas por algum tipo de

acerca do apetite sexual do homem e da mulher e, especialmente, a discrepância na abordagem de ambos, ver Dean-Jones (1992).

¹¹ Uma breve menção ao prazer e ao calor, sem relação com a atividade sexual, é feita em *Sobre o uso dos líquidos* (Hp. *Liqu*. 2). Para menções ao prazer no *Corpus Hippocraticum* que não se limitam a uma perspectiva fisiológica ver, por exemplo, Holmes (2010, p. 198-199) e Levin (2014, p. 56-62).

¹² Em tratados ginecológicos, a atividade sexual tem funções terapêuticas. Para mais detalhes, ver Lonie (1981, p. 122).

violência (*bia*), procedem dos quatro fluidos – sangue (*aima*), água (*hydôr*), fleuma (*flegma*) e bÍlis (*cholê*). Esses fluidos estariam presentes nos corpos dos homens e das mulheres (*Morb IV. 32.1*, Joly 84) e também em todos os alimentos e bebidas em maior ou menor quantidade (*Morb IV. 33.2*, Joly 85). Assim, podemos notar que para o discípulo de Hipócrates a nutrição é capaz de interferir no desequilÍbrio dos fluidos no organismo e, quando feita de modo inadequado, deve ser considerada como um dos fatores causadores das doenças.

Não fortuitamente, quando o autor aborda a variação dos fluidos dentro do corpo humano e os processos patológicos, ele também busca elucidar o modo de funcionamento do aparelho nutricional do corpo humano. E, ao longo da exposição sobre o que ocorre no corpo humano durante a alimentação, são oferecidas descrições fisiológicas acerca da produção de apetite por alimentos e bebidas e da ocorrência de prazer produzida pela ingestão dos mesmos. Começamos pela passagem na qual uma explicação sobre o mecanismo de surgimento de um apetite é elaborada.

1.3.1. O apetite como deficiênci

O capítulo 39 de *Sobre as doenças IV* nos fornece importantes elementos acerca do que o autor estaria concebendo como a origem do apetite. De acordo com o discípulo de Hipócrates:

No caso de sentir necessidade de algum tipo de bebida ou de alimento, o corpo o atrairá das fontes até que o fluido esteja menor do que o conveniente. Então, o homem sente desejos de comer e beber algo da natureza que pode preencher aquela porção da fonte e igualá-la às demais. (*Morb IV. 39.5*, Joly 93. 26-7 – 94, 1-4)

Εἰ δὲ ποτῶν καὶ βρωτῶν ἐνδεήσεται [τῶν πηγέων] τις, κατὰ τοῦτο καὶ τὸ σῶμα ἐλκύσει ἀπὸ τῶν πηγέων τέως καὶ τὸ ὑγρὸν ἔλασσον τοῦ καιροῦ γένηται· τότε ἰμείρεται ὁ ἄνθρωπος ἢ φαγεῖν ἢ πιεῖν τοιοῦτον, ὃ τὴν μοῖραν ἐκείνην ἐπιπλήσει καὶ ἰσώσει τῆσιν ἄλλῃσι·

De acordo com o trecho exposto acima, ter apetite ou a ação de desejar (*himeirô*) é proveniente de uma falta ou de uma necessidade do corpo que é expressa pelo verbo *endeô*, ter necessidade de algo. Quando uma determinada necessidade surge, aparentemente, uma espécie de atração (*helxis*) é exercida pelo corpo sobre os fluidos que estão presentes nos seus respectivos depósitos ou fontes (*pêgai*).¹³ O apetite, a partir daí, busca suprir uma necessidade do organismo com um alimento que possa preencher (*epipimplêmi*) o que está faltando nas fontes e no corpo.

A passagem mencionada ainda nos fornece outras informações que merecem ser destacadas. Primeiramente, pode-se notar que a fome, dentro dessa fisiologia, não é por qualquer tipo de alimento. O apetite busca um alimento que possa suprir não só uma, mas todas as quatro fontes.¹⁴ Em segundo lugar, a passagem ainda nos mostra que o processo de saciar um apetite visa o processo de preenchimento dos fluidos nas fontes e no corpo de um modo equânime, o que é expresso na passagem citada pelo verbo *isoô*, igualar.

Mas o que ocorre, de fato, quando nos alimentamos daquilo de que o nosso corpo necessita e os fluidos voltam a ficar em quantidades iguais em nosso organismo?

1.3.2. O prazer como repleção

Antes de responder à pergunta colocada no final da seção anterior, vale destacar que no parágrafo 39 o autor qualifica os alimentos como prazerosos e desprazerosos da seguinte maneira:

¹³ De acordo com esse tratado, o número de fontes no interior do corpo equivale a um total de cinco. A principal delas é a *koilia* ou estômago. As outras quatro fontes são a *kardiê*, *kephalê*, *splên* e o *to chônion to epi tõi hêpati*, que podem ser traduzidos, respectivamente, por coração, cabeça, baço e vesícula biliar. Com exceção do estômago, cada uma dessas quatro fontes têm afinidades próprias com cada um dos fluidos. Assim, o coração estoca, mas não exclusivamente, o sangue, o baço é a principal fonte da água, a fonte da cabeça é relacionada com a fleuma e a vesícula biliar tem afinidade com o fluido biliar (*Morb IV*, 33.2, July 85).

¹⁴ Cf. Lonie (1981, p. 269).

Se um desses *fluidos* é mais abundante do que o conveniente nas bebidas e nas comidas, não os encontraremos agradáveis; mas aqueles dos quais se sente maior necessidade a esse respeito, esses são agradáveis. (*Morb IV*, 39. 4, Joly 93.23-26)

Τούτων γὰρ ἡμῖν ὅ τι ἂν ἐκάστου πλεῖον τοῦ καιροῦ γίνηται καὶ ἐν τοῖσι ποτοῖσι καὶ ἐν τοῖσι βρωτοῖσι, κείνα οὐδὲ ἡδέα γίνεται· ἄσσα δὲ χατίζει μάλιστα κατὰ ταῦτα, κείνα ἡδέα ἐστίν.

Conforme a passagem, um alimento será prazeroso na medida em que a quantidade de fluidos presente nele seja conveniente (*kairos*)¹⁵ ao nosso estado de carência (*chatizô*). Mas, caso o alimento possua mais fluidos do que seria o conveniente, a ingestão deste, ao contrário, não será prazerosa. A trecho acima ainda deixa entrever a tríade necessidade-apetite-prazer que subjaz às exposições feitas pelo discípulo de Hipócrates.

A significativa interligação entre carência, apetite e prazer é consolidada nas últimas frases do capítulo 39, quando o autor nos fornece uma descrição acerca do que ocorre quando nos alimentos daquilo do que temos necessidade:

Esta é a razão porque, às vezes, depois de comer ou beber em grande quantidade, nós temos desejo por alguma bebida ou por algum alimento específico, e não comemos nenhum outro [alimento ou bebida] com prazer, com exceção do que nós desejamos. Mas quando nós comemos e o *fluido* se torna igual o mais possível nas fontes e no corpo, então o desejo cessa.¹⁶

καὶ διὰ τοῦτο βεβρωκότες πολλὰ ἢ πεπωκότες, ἔστιν ὅτε ἰμειρόμεθα ἢ βρωτοῦ ἢ ποτοῦ, καὶ ἄλλο οὐδὲν ἂν ἡδέως φάγοιμεν, εἰ μὴ ὅ τι ἰμειρόμεθα· ἐπὶ δὲ φάγοιμεν καὶ ἰσωθῆ ἢ ἰκμάς κατὰ τὰ ἀνυστὰ ἐν τῆσι

¹⁵ Aqui, provavelmente, *kairos* possui um significado próximo de medida, proporção ou, mais precisamente, como sinônimo de *metron* ou *metrion*, significado que de acordo com Schiefsky (2005, p. 219-20) está presente em outros tratados hipocráticos.

¹⁶ Tradução nossa a partir da tradução espanhola de M^a E. Rodriguez Blanco, ligeiramente modificada.

πηγῆσι καὶ ἐν τῷ σώματι, τότε οἱ πέπαυται ὁ ἴμερος.
(*Morb IV*. 39. 5, Joly 94.4-9).

De acordo com o trecho acima, não é possível ter apetite e, conseqüentemente, prazer ao comer ou ao beber quando os fluidos no corpo estão em quantidades iguais (*isoô*), pois nesse estado não há necessidades apetitivas. Assim, o prazer pode ser considerado, de acordo com essa passagem, como um “sinal” ou um indício de que as carências estão sendo supridas e os fluidos no corpo e nas fontes estão se tornando equânimes.

Para facilitar a compreensão do aparelho nutricional do corpo humano que, ao que tudo indica, trabalha voltado para obtenção de um equilíbrio dos fluidos que o compõem, o autor prefere nos oferecer uma imagem. A imagem escolhida para explicar a fisiologia nutricional implícita ao longo do tratado *Sobre as doenças IV* é a de um sistema hidráulico composto por jarros de bronze (*chalkeia*)¹⁷ e regido pelo princípio dos vasos comunicantes (*Morb IV*. 39.1, Joly 92). De modo análogo, o corpo também parece ser regido por um sistema de compensação envolvendo preenchimentos e esvaziamentos do estômago, das quatro fontes e do corpo.¹⁸ Contudo, todo esse mecanismo de auto-regulação, exemplificado pela imagem dos vasos comunicantes, nem sempre ocorre da maneira correta. Alguém, por exemplo, pode ingerir mais alimentos do que, na verdade, ele necessita. A *plêthôra*, para o discípulo de Hipócrates, é o estado que o corpo pode assumir caso um fluido predomine (*krateô*) sobre os demais dentro do corpo (*Morb IV*. 45.4, Joly 100).¹⁹

¹⁷ Segundo Blanco (2003, p. 304, n. 34), “*Chalkeia*, ‘caldeiros de bronze’, eran recipientes profundos y de boca ancha, utilizados por los médicos para la preparación de medicamentos que debían secarse al sol.”

¹⁸ Sobre esse mecanismo de auto-regulação envolvendo fontes ou reservatórios, Holmes (2010, p. 196-197) comenta que “If one of the reservoirs is exhausted, however, this autoregulation is extended to the person, who longs (ἰμείρεται ὁ ἄνθρωπος) to eat or drink whatever will restore the necessary resources”.

¹⁹ Lonie (1981, p. 318) enxerga aqui um elo entre as concepções presentes em *Sobre as doenças IV* e as teorias fisiológicas de Alcmeão de Crotona ao afirmar que “*plethora* is really an imbalance of humours, an excess of one humour over another. We see here why a plurality of humours is necessary to explain health and

Todavia, a medicina hipocrática não explica muito bem qual é o papel do prazer nos casos de uma ingestão inadequada de alimentos.²⁰

Para os fins deste artigo, é suficiente estabelecer, de acordo com a seção anterior, que o prazer advindo da alimentação pode ser entendido em *Sobre as doenças IV* como um processo preenchimento (*pimplêmi*), ou mais precisamente como um processo de repleção, já que esse último termo transmite melhor a ideia do restabelecimento do equilíbrio dos fluidos no corpo que a satisfação de um apetite tem como finalidade. Em contrapartida, o prazer produzido durante uma relação sexual, como vimos em nossa exposição do tratado *Sobre a geração*, não deve ser entendido da mesma forma, isto é, não deve ser compreendido como um processo de preenchimento que suprime uma falta, mas sim como um certo processo ligado ao aquecimento do corpo.

Não é uma novidade o fato de que muitas teorias médicas acerca do funcionamento do corpo humano despertaram o interesse dos filósofos antigos.²¹ O caso da fisiologia do prazer parece ser um exemplo de tal interesse, pois algumas semelhanças terminológicas e conceituais podem ser identificadas entre a concepção acerca do prazer advindo da nutrição no tratado *Sobre doenças IV* e a que está presente em um determinado momento do diálogo *Górgias* de Platão.

disease; and the author's doctrine of *plethora* is simply Alcmeon's monarchy, given a mechanic application."

²⁰ Para mais detalhes sobre a ausência nos tratados médicos de uma explicação do papel do prazer em uma alimentação desregrada, ver Holmes (2010, p. 196-202).

²¹ Como afirma van der Eijk (2008, p. 386): "[...] Empedocles, Democritus, Parmenides, Pythagoras, Alcmaeon, Philolaus, Diogenes of Apollonia, Plato, Aristotle, and Theophrastus took an active interest in subjects we commonly associate with medicine, such as the anatomy and the physiology of the human body, embryology and reproduction, youth and old age, respiration, the causes of disease and of the effects of food, drink, and drugs on the body".

2. O modelo do prazer-preenchimento no *Górgias* de Platão

O terceiro e último interlocutor de Sócrates no diálogo *Górgias* é Cálicles que, dentre outras teses, defende que o prazeroso e o bem são o mesmo (Pl. *Grg.* 495a).²² Com o intuito de demonstrar a incoerência da tese hedonista defendida por Cálicles, Sócrates desenvolve alguns argumentos. Um desses argumentos está baseado em uma espécie de fisiologia do prazer.²³

A teoria fisiológica que serve de base para uma das premissas do argumento contra a identificação entre o prazer e o bem começa a ser explicitada com mais detalhes quando Sócrates, em um questionamento feito em 496d3-5, demonstra que o eixo central dessa teoria repousa na noção do apetite como deficiência ou falta física que, por sua vez, está correlacionada à dor:²⁴

SOC: Devo continuar te perguntando, ou concordas que toda *deficiência* e apetite são dolorosos?

CAL: Concordo, e para de me interrogar!²⁵

{– ΣΩ.} Πότερον οὖν ἔτι πλείω ἐρωτῶ, ἢ ὁμολογεῖς ἅπασαν ἔνδειαν καὶ ἐπιθυμίαν ἀνιαρὸν εἶναι;

²² Uma versão menos desenvolvida sobre este tópico pode ser consultada em Carvalho, M.; et al. (2015, p. 220-228).

²³ Para mais detalhes ver Gosling & Taylor (1982, p. 69-75), Bravo (2009, p. 95-105) e Muniz (2011, p. 179-185).

²⁴ A noção do apetite como algo doloroso ou que causa sofrimento não é mencionada no tratado *Sobre doenças IV*. Porém, curiosamente, essa noção está presente em um outro texto do *Corpus Hippocraticum*, a saber, *Sobre os ventos*: “Por exemplo, a fome é uma doença, como tudo que faz o homem sofrer é chamado de doença. Qual é o remédio para a fome? Aquilo que impede a fome. É a alimentação; então pela alimentação a fome deve ser curada. (αὐτίκα γὰρ λιμὸς νοῦσός ἐστιν· ὃ τι γὰρ ἂν λυπέῃ τὸν ἄνθρωπον, τοῦτο καλέεται νοῦσος· τί οὖν λιμοῦ φάρμακον; ὃ παύει λιμόν· τοῦτο δ' ἐστὶ βρώσις· τούτῳ ἄρα ἐκεῖνο ἰητέον.)” (Hp. *Flat.*, 1., Jones 228.27-30, tradução nossa a partir da tradução inglesa de Jones, ligeiramente modificada).

²⁵ Utilizarei a tradução de Daniel Lopes (2011), que segue a edição de John Burnet, com ligeiras modificações grafadas em itálico.

{– ΚΑΛ.} Ὁμολογῶ, ἀλλὰ μὴ ἐρώτα.

A referida deficiência dolorosa é descrita como solidária ao processo de preenchimento. Este último, por sinal, é entendido, como podemos notar no passo 496e1-2, como processo de prazer:

SOC: E beber não é tanto *preenchimento da deficiência* quanto prazer ?

CAL: Sim.

{– ΣΩ.} Τὸ δὲ πίνειν πλήρωσις τε τῆς ἐνδείας καὶ ἡδονή;

{– ΚΑΛ.} Ναί.

E, em 497c6-8, o apetite e o prazer, no quadro dessa fisiologia, cessam a partir do momento que não há mais deficiência:

SOC: Então, fome e os demais apetites e prazeres não cessam simultaneamente?

CAL: É isso.

{– ΣΩ.} Οὐκοῦν καὶ πεινῶν καὶ τῶν ἄλλων ἐπιθυμιῶν καὶ ἡδονῶν ἅμα παύεται;

{ – ΚΑΛ.} Ἔστι ταῦτα.

Isso posto, é possível definir as características da fisiologia do prazer presente no *Górgias* da seguinte forma: (i) trata-se de uma fisiologia pautada na deficiência ou falta que é associada à ocorrência de dor; o (ii) prazer é compreendido como o processo de preenchimento dessa carência dolorosa; (iii) dentro dessa fisiologia há a possibilidade de um estado de suficiência pois quando não temos apetite também não temos prazer. Terminologicamente, a teoria fisiológica acerca do prazer pode ser compreendida, conforme o texto em grego, pelas seguintes palavras-chave (i) *hêdonê/prazer*; (ii) *plêrôsis*, termo que pode ser compreendido como processo de preenchimento; (iii) *endeia*, termo que pode ser traduzido como deficiência e (iv) *epithymia/apetite*.

As semelhanças terminológicas e conceituais entre a fisiologia do prazer presente no *Górgias* e aquela que pode ser encontrada no tratado médico *Sobre as doenças IV* quando associada às conjecturas acerca das datações desses textos²⁶ tornam plausível a hipótese, já levantada por Wolfsdorf (2013, p. 45), de que Platão pode ter recrutado noções médicas acerca do prazer advindo da nutrição para desenvolver suas reflexões acerca do prazer. Vale destacar também que essa descrição fisiológica do prazer não está presente apenas no diálogo *Górgias*. A noção de prazer como repleção também está presente em outros diálogos platônicos,²⁷ tendo sofrido, provavelmente, profundas transformações.²⁸ A insistência de Platão em descrever o prazer utilizando um vocabulário fisiológico é apenas um dos muitos problemas para se compreender o lugar do prazer na filosofia de Platão. Os problemas relativos à compreensão da noção de platônica acerca do prazer e da exata dimensão fisiológica da mesma, no entanto, fogem ao escopo deste artigo.

É digno de nota que uma noção do prazer marcada pelo preenchimento de uma falta está presente em testemunhos de Empédocles²⁹ fornecidos pelo doxógrafo Aécio (séc. II d.C.), os quais temos acesso através do antologista Estobeu (séc. V d.C.). Tal

²⁶ Como vimos na primeira seção, especula-se que *Sobre as doenças IV* possa ter sido escrito por volta do final do século V a.C. Acerca do *Górgias*, Canto (1993, p. 96), por exemplo, sugere que “la date de la composition du *Ménexène* est connu avec une relative certitude, sans doute dans les années 386, époque dont la date de composition du *Gorgias* ne devrait donc pas être trop éloignée.”

²⁷ “La idea de que el placer orgánico depende del retorno a um equilibrio y presupone um estado de privación comienza aqui [en el *Gorgias*] su desarrollo y seguirá en la *República* (583b-585a), donde tales placeres son considerados como no auténticos, y culminará en el *Timeo* (64c-d) y en el *Filebo* (31d-32b), donde el placer es explicado como la restauración de um estado natural.” (Bossi, 2008, p. 109).

²⁸ Uma das transformações seria a formulação de uma espécie de fisiologia psíquica baseada na fisiologia dos apetites nutricionais, já que “Não seria arriscado dizer que a alma platônica ganha consistência a partir de transposições fisiológicas[...] A fisiologia nascente nos círculos médico-filosóficos contemporâneos de Platão, [...], serve de modelo para uma verdadeira invenção de uma fisiologia psíquica, uma duplicata purificada de aspectos reconhecidos do funcionamento corporal.” (Muniz, 2011, p. 233-234).

²⁹ Aët. IV, 9, 15 = DK 31 A 95.

presença, no entanto, não invalida totalmente a hipótese mencionada no parágrafo anterior uma vez que não está descartada a possibilidade de que tais fontes de Empédocles tenham sido, de algum modo, adaptadas.³⁰ Outro ponto que de certo modo pode favorecer a hipótese exposta ao longo desse artigo reside no fato de que nos testemunhos atribuídos a Empédocles nos quais o prazer é visto como um processo de preencher não há menção explícita à fome e à sede – os exemplos utilizados por Platão –, diferentemente das passagens do tratado *Sobre as doenças IV*.³¹ Apesar disso, é preciso reconhecer que tais apontamentos ainda são insuficientes para encerrar quaisquer discussões acerca da origem da concepção platônica do prazer.

A tentativa de aproximar algumas discussões presentes nos diálogos de Platão e certas teorias fisiológicas da tradição hipocrática acerca do prazer parece seguir, em certa medida, uma recente tendência das interpretações das obras desse filósofo. Macé (2009), por exemplo, chama atenção para a importância que tem sido dada à presença de uma “filosofia natural” no pensamento de Platão. Embora essa tendência não seja uma unanimidade entre os intérpretes, as teorias atribuídas à medicina hipocrática, como o próprio Macé (2009, p. 13-14) ressalta, podem desempenhar um importante papel nesse tipo de abordagem dos diálogos platônicos.³²

³⁰ Sobre a noção de prazer presente nos testemunhos de Empédocles, Wolsford (2013, p. 37), por exemplo, adverte que “Stobaeus’ passage occurs in a section devoted to past views of pleasure and desire. Aëtius drew heavily on Theophrastus for the views of the early philosophers, hence the resemblance to Theophrastus’ passage. Encountering Theophrastus’ very brief testimony on Empedocles, he must have been puzzled by it. I believe that the version we find in Stobaeus owes to Aëtius’ attempt to clarify the testimony. In his attempt at clarification, Aëtius was evidently influenced by the replenishment and depletion theory, which [...] became familiar through the influence of Plato.”

³¹ A integralidade dos tratados hipocráticos, segundo Eijk (2008, p. 390), é um fator que contribui bastante para o estudo dessa tradição: “One of the major advantages of the Hippocratic writings compared to the doctrines of the Presocratics is that, as said, the former have been preserved as complete writings and are thus much more accessible to interpretation and much less prone to speculation than the fragmentary remains of many a philosopher of the same period.”

³² Trabalho executado com Bolsa CAPES. Agradeço os comentários e sugestões oferecidos por Fernando Muniz, Marcelo Marques (*in memoriam*) e Miriam

Bibliografia

- BLANCO, M. E. R. (2003). Hipócrates. Sobre la generación, Sobre la naturaleza del niño, Sobre las enfermedades IV y Sobre a dentición. In: *Tratados hipocráticos VIII*. Madrid, Biblioteca Clásica Gredos.
- BOSSI, B. (2008). *Saber Gozar: Estudios sobre el placer em Platón*. Madrid, Editorial Trotta.
- BOUNDON-MILLOT, V. (2012). Polybe. In: GOULET, R. (dir.) *Dictionnaire des philosophes antiques*. Paris, CNRS Editions.
- BRAVO, F. (2009). *As ambiguidades do prazer: ensaio sobre o prazer na filosofia de Platão*. 1ª ed. São Paulo, Paulus.
- CARVALHO, M.; et al. (orgs.) (2015). *Platão*. Coleção XVI Encontro ANPOF: ANPOF, p. 220-228.
- CAIRUS, H.; RIBEIRO J., W. (2005). *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. 1ª edição. Rio de Janeiro, Fiocruz.
- CANTO, M. (1993). Platon. *Gorgias*. Présentation et traduction. Paris, Flammarion.
- CRAIK, E. (2015). *The 'Hippocratic' Corpus: Content and context*. London, Routledge.
- DEAN-JONES, L. (1992). The Politics of Pleasure: Female Sexual Appetite in the Hippocratic Corpus. *Helios* 19, p. 72–91.
- EIJK, P. (2008). The Role of Medicine in the Formation of Early Greek Thought. In: CURD, P.; GRAHAM, D. (orgs.) *The Oxford Handbook of Presocratic Philosophy*. Oxford, Oxford University Press. p. 385-412.
- GOSLING, J.; TAYLOR, C. (1982). *The Greeks on Pleasure*. Oxford, Clarendon Press.
- HOLMES, B. (2010). *The symptom and the subject: the emergency of the physical body in ancient Greek*. New Jersey, Princeton University Press.

Peixoto sobre o conteúdo desse texto o qual, vale dizer, foi objeto de estudo na minha dissertação de mestrado. As ponderações dos pareceristas anônimos também contribuíram de modo significativo para a finalização desse artigo.

JOLY, R. (1970). *Hippocrate. De la generation, de la nature de l'enfant, des maladies IV, du foetus de huit mois* (texte établi et traduit). Paris, Les Belles lettres.

JOUANNA, J. (1999). *Hippocrates*. Trad. Malcolm DeBevoise. Baltimore & London, The Johns Hopkins University Press.

LEVIN, S. (2014). *Plato's rivalry with medicine: a struggle and its dissolution*. Oxford, Oxford University Press.

LITTRÉ, E. (1851). *Oeuvres completes d'Hippocrate*. Vol. 7. Paris, Baillière.

LONIE, I. (1981). *The Hippocrates treatises "On generation", "On the nature the child", "Diseases IV": a commentary*. Berlin & New York, De Gruyter.

LOPES, D. (2011). Platão. *Górgias*. Tradução, ensaio introdutório e notas. São Paulo, Fapesp.

MACÉ, A. (2009). The new frontier: philosophy of nature in platonic studies at the beginning of the XXIth Century. *Plato 9*, (En ligne), mis en ligne: octobre 2009. <URL = <http://gramata.univ-paris1.fr/Plato/article89.html>>. Consultado em: 21 de dezembro de 2016.

MUNIZ, F. (2011). *A potência da aparência: um estudo sobre o prazer e a sensação nos Diálogos de Platão*. Annablume, São Paulo.

SCHIEFSKY, M. (2005). *Hippocrates. On ancient medicine*. Translated with introduction and commentary. Leiden & Boston, Brill.

WOLFSDORF, D. (2013). *Pleasure in ancient philosophy*. Cambridge, Cambridge University press.

Submetido em 26/07/2016 e aprovado
para publicação em 02/04/2017.